



III CONGRESSO ESTADUAL DE ASSISTENTES SOCIAIS
Rio de Janeiro - RJ - Brasil

GÊNERO E REPRODUÇÃO DAS DESIGUALDADES: REFLEXÕES MARXISTAS E
INVISIBILIDADE DO TRABALHO DOMÉSTICO E DO CUIDADO

Pollyana Luz (a) - a
a

GÊNERO E REPRODUÇÃO DAS DESIGUALDADES: reflexões marxistas e invisibilidade do trabalho doméstico e do cuidado.

Palavras-chave: gênero; desigualdade de gênero, trabalho doméstico, cuidado.

GENDER AND REPRODUCTION OF INEQUALITIES:

Marxist reflections and invisibility of domestic work and care.

Keywords: Work; genre; gender inequality.

INTRODUÇÃO

Neste resumo expandido traremos resultados parciais de pesquisa bibliográfica e empírica realizada em 2015 objetivando o discurso sobre gênero numa perspectiva marxista-feminista, bem como visibilidade das expressões da desigualdade de gênero nos relatos das trabalhadoras de rua da cidade de Rio das Ostras/RJ.

DESENVOLVIMENTO

Desde os anos 1970, o conceito tem se propagado nas pesquisas e estudos, porém, somente a partir da década de 1990 que se adentra no âmbito das políticas públicas. Apesar do mito da sociedade moderna e pós-patriarcal, ainda carregamos resquícios culturais de subordinação do feminino. Inicialmente, o termo gênero como construção social do masculino e do feminino foi propagado como recusa ao essencialismo biológico. Assim, gênero é uma categoria histórica e que, do ponto de vista feminista, denuncia a dominação-exploração masculina. Engels (1977) em seus estudos sobre a monogamia em “A origem da família, da propriedade privada e do Estado” apresenta brilhantemente a dominação masculina sobre a feminina, sendo a primeira opressão de classes da história, e como a propriedade privada é o motor dessa subjugação. Saffioti (2004), autora feminista e marxista que influenciou em suas análises sobre gênero, discute que o patriarcado é uma forma de relações de gênero no qual as relações são verticais e hierarquizadas entre seres desiguais. Antes do desenvolvimento da dominação patriarcal, os homens mantinham uma relação equilibrada e igualitária entre eles e com a natureza. Assim, “o valor central da cultura gerada pela dominação-exploração patriarcal é o controle, valor que perpassa todas as áreas da convivência social” (SAFFIOTI, 2004, p. 122). A abrangência da organização social de gênero de dominação patriarcal é total nas sociedades atuais, nem mesmo as relações homossexuais escapam de seus tentáculos. O patriarcado é aliado dos interesses dos grupos e classes dominantes, enquanto a classe expressa uma dominação econômica, o gênero expressa uma dominação no campo cultural. A dominação patriarcal e a exploração capitalista caminham juntas, vide exploração do trabalho feminino pelo capital em aspectos de subordinação através das terceirizações e do trabalho informal e domiciliar que geram lucros altíssimos aos capitalistas, valendo-se da dominação de gênero. Cabe ressaltar que

são duas faces de um mesmo processo. Gênero e sexo não são dicotômicos, mas transformam-se em unidade. Assim, “o gênero embora construído socialmente, caminha junto com o sexo” (SAFFIOTI, 2004, p. 135). Portanto, o gênero é constitutivo das relações sociais. Um dos exemplos da mistificação da ideologia patriarcal é a separação entre o privado (vida doméstica exclusivo das mulheres) e o público (mundo dos homens). Cisne (2018) esclarece que a sociedade burguesa patriarcal e racista é estruturada por três relações sociais que são, obviamente, permeadas por exploração, que são as relações sociais de sexo, raça e classe. São relações sociais, que no entendimento marxista, são transversais por antagonismos, hierarquias e processos de exploração sobre o trabalho. Nesse sentido, não caímos em dicotomias de que existem, por um lado, as explorações do mundo do trabalho, tensionadas pela relação entre capital e trabalho; e por outro lado, existem as opressões de raça, sexo, etnia e cor. Diferentemente, defendemos que é um movimento único do modo de produção capitalista racista e patriarcal que divide o trabalho. Pensar as questões de gênero implica refletir sobre a esfera da reprodução da força de trabalho na sociedade burguesa. Gama (2014) nos ajuda a pensar na invisibilidade do trabalho doméstico realizado de forma gratuita pelas mulheres no âmbito da reprodução na sociedade capitalista. A mercantilização da vida social objetiva-se de maneiras diferenciadas, na esfera da produção através da extração de mais valor; na reprodução social através da “produção indireta de mais valor pela não mercantilização (pelo menos inicialmente) do trabalho doméstico realizado gratuitamente pelas mulheres no interior da família” (GAMA, 2014, p.33). Para Singer, uma das formas de liberação ou reprodução da força de trabalho para o mercado capitalista se “expressa na transformação de atividades para autoconsumo em produção mercantil, que no limite se torna capitalista” (1979, p. 109). Entre elas destacam-se, as donas de casa que são obrigadas a trabalhar por salário, além de acumular com as tarefas domésticas costumeiras. Para Singer, “há nesse processo o desenvolvimento de relações de produção não capitalistas que lhe são fundamentais. (...) os valores de uso adquiridos no mercado requerem toda uma série de atividades para poderem ser usados ou consumidos” (1979, p. 119), exigindo um esforço e tempo de trabalho não social, que são as atividades domésticas e do cuidado estabelecidas no interior da família. Relações que se estabelecem entre os membros da família que são primordiais para a reprodução da família. Em outras palavras, o trabalho doméstico não remunerado participa da produção de valor devido seu papel na reprodução da força de trabalho, assim como, no seu papel socializador na sociabilidade capitalista.

RESULTADOS

Nos resultados da pesquisa, a condição feminina repercutiu nos depoimentos coletados, sendo marcante o aspecto do cuidado, principalmente quando o ponto de referência eram

as gerações mais antigas, reproduzindo os estereótipos de mãe protetora e boa-esposa. As longas jornadas de trabalho das mulheres expõem as variadas incumbências de reprodução social, como higiene e manutenção da casa, o cuidado com os filhos e com o marido ou mesmo de algum dos membros da família estendida quando adoecem. Além do trabalho doméstico, denota-se o trabalho do cuidado que fica a cargo exclusivo das mulheres, na maioria das vezes, no interior da família. Outra questão visível nas falas das trabalhadoras entrevistadas são as relativas vantagens com o trabalho ambulante, por exemplo, que foram exaltadas pela maioria das trabalhadoras de rua, principalmente quando elas falaram da possibilidade de conciliação do trabalho com o cuidado da casa e dos filhos. As questões de gênero e a sobrecarga de atividades que recai nas mulheres emergem nas falas em torno das dificuldades de sustentar a casa financeiramente e ainda criar os filhos pequenos. No discurso destas trabalhadoras, a flexibilidade do horário está entre as muitas vantagens do trabalho na rua, ocultando questões intrínsecas as desigualdades de gênero postas na funcionalidade da atividade exercida. Além disso, as regalias do horário flexível devem ser relativizadas a partir do momento em que a renda está vinculada à ida do trabalhador à rua para realização das vendas. Portanto, em períodos chuvosos, ou em que o trabalhador esteja adoentado, não há renda. Além de o horário ser bastante extenso em períodos denominados de “alta temporada”, quando o trabalhador monta sua barraca todos os dias e em período integral. As horas para lazer e diversão ficam comprometidas devido às longas jornadas de trabalho, principalmente se a mercadoria for produzida em casa, ocupando todas as horas do dia e da noite, desde a produção até a montagem da barraca para as vendas. A questão de gênero é marcante na trajetória familiar ensinando como é construída socialmente uma experiência de desigualdade. Neste caso, a informalidade, inclusive, é conveniente às mulheres, porque ao mesmo tempo em que trabalha, também tem a oportunidade de cuidar dos filhos, levando-os para a rua. O fato de não haver creche e escola para todos, em boas condições e com funcionamento adequado à realidade das mulheres trabalhadoras só assevera a precariedade de vida das mesmas. A rigidez do horário do trabalho assalariado aproxima as mulheres do trabalho ambulante. De um modo geral, as trajetórias ocupacionais das mulheres trabalhadoras permitiram identificar a participação expressiva das mesmas na renda familiar através do trabalho ambulante de rua. Os reflexos desse fenômeno também são externos ao grupo doméstico, isto é, a subordinação da mulher também é transmutada para o espaço público através da baixa remuneração se comparada a dos homens.

CONCLUSÃO

Neste resumo refletimos sobre o conceito de gênero que deve ser compreendido como instrumento para reflexão crítica dos conceitos rígidos de masculino e feminino, além disso,

o patriarcado como forma de estabelecer uma relação de controle e medo como disputa do poder. O conceito de gênero é genérico e bem anterior ao do patriarcado, que remonta dos últimos seis milênios. Além disso, trouxemos o debate do trabalho doméstico não remunerado que se apresenta no interior das famílias como algo intrínseco afetivamente e atrelado às disponibilidades de tempo das mulheres. O conflito aí se estabelece entre produção e reprodução social. Assim, o trabalho doméstico não remunerado faz parte do processo de (re) produção social e do circuito do capital ao se inserir ativamente na reprodução da força de trabalho.

REFERÊNCIAS

CISNE, Mirla. Trabalho profissional e as explorações/opressões de sexo, raça e classe: a defesa do Projeto Ético-político do Serviço Social (mesa). Palestra 11 Seminário Anual de Serviço Social: Cortez, 2018.

ENGELS, F. A origem da família, da propriedade privada e do Estado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

GAMA, Andrea de Souza. Trabalho, família e gênero. Impactos dos direitos do trabalho e da educação infantil. São Paulo: Cortez, 2014.

SAFFIOTI, Heleieth J. B. Gênero, patriarcado e violência. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

SINGER, P. Economia política do trabalho. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1979.